DOI: 10.51189/iii-conbracib/12306

III CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS ON-LINE

CARTA DA TERRA E TRILHA DA VIDA COMO INSTRUMENTOS PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL FORMAL

ALTAIR FERREIRA DE SOUZA

RESUMO

Atualmente, o consumismo avança de forma descontrolada e gera vários problemas de ordem social, o desastre ambiental e consequentemente o desestímulo do desenvolvimento do potencial humano, pois o foco passa ser o bem material. Com isso em vista, este trabalho teve como objetivo conhecer as representações de meio ambiente dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e por meio do contato com a Carta da Terra e trilha da vida verificar se estes instrumentos possibilitam a sensibilização ambiental. A pesquisa foi realizada no Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEEJA), de Dourados-MS, em junho de 2017. Ela foi dividida em três etapas, sendo que a primeira e a terceira consistiram na aplicação de um questionário estruturado em sala de aula, já na segunda etapa ocorreu a realização da palestra sobre a Carta da Terra e o percurso pela trilha da vida. Ambos os instrumentos possibilitaram a reflexão sobre as questões ambientais de que todos fazem parte do ambiente em que estão inseridos, contribuindo para a sensibilização dos alunos bem como do pesquisador. Esta pesquisa reforça a importância de buscar meios que estimulem o desenvolvimento do potencial de cada indivíduo como um caminho para promover a transformação social, a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento sustentável.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Ensino de Ciências; Trilha Interpretativa.

1 INTRODUÇÃO

Estamos vivendo um momento crítico da sociedade, em que a busca pela ‘felicidade’ e do bem estar social se resume em consumir cada vez mais, a todo o momento as mídias, os anúncios e as redes sociais nos levam para este caminho. Consequentemente, essas ações a longo prazo geram o desastre ambiental, a fome por meio das desigualdades sociais e a proliferação das armas de destruição em massa pela luta de poderes das grandes economias, isso tudo traz consigo um distanciamento do ser humano de seu ambiente natural, pois antes de pensar neste, é necessário à garantia do bem estar social, sem isso, é sobreposto o caminho do desestímulo de sua humanidade e de seu valor enquanto ser constituinte deste ambiente ou planeta. (IKEDA, 2005 e HENDERSON, 2005).

Para que isso se reverta são necessárias mudanças fundamentais de nossos valores e estilo de vida. Os seres humanos se constituem por meio de suas individualidades e características próprias, porém por viverem em sociedade exercem um papel de influência

sobre o outro e o ambiente. Aqui cabe um questionamento: Quais impactos essas ações geram para todos que estão ao redor? Como são esses impactos em uma escala local? E

DOI: 10.51189/iii-conbracib/12306

global?

Ao conseguirmos responder esses questionamentos, ou até mesmo nos sensibilizarmos sobre essas questões, podemos de alguma forma garantir que o desenvolvimento sustentável deixe de ser uma utopia e neste sentido, Ikeda (2010) cita que ter essa consciência nos capacita para aprimorar nossa própria existência contribuindo para o bem-estar próprio, das pessoas e do ambiente, surgindo assim à cidadania global, dela se obtém a percepção de que há uma inter-relação com todos os tipos de vida e o ambiente.

Nesse contexto, esta pesquisa se baseou na Carta da Terra, documento de todos os povos visando o desenvolvimento sustentável. Elencam-se quatro princípios gerais para que a sensibilização humana sobre as questões ambientais locais e globais sejam concretas, são elas:
1) O Respeito e o Cuidado com a Comunidade; 2) Integridade Ecológica; 3) Justiça Social e Econômica; e 4) Democracia, Não violência e Paz (BRASIL, 2000). Esse documento único contém os modelos para ações cooperativas capazes de reverter à destruição ambiental, preservar e restaurar os sistemas ecológicos e os demais problemas que o mundo e as pessoas inseridas nele enfrentam, tornando importante que seja conhecido em todos os cantos do planeta (IKEDA e HENDERSON, 2005).

Além da Carta da Terra, a trilha da vida também foi utilizada como instrumento, com o objetivo de promover a sensibilização sobre as questões ambientais. Matarezi *et al.* (2003) dizem que as trilhas interpretativas buscam promover uma reaproximação dos participantes com o meio ambiente nos seus aspectos naturais, sociais, culturais e históricos, e estimula uma reflexão crítica das ações históricas entre sociedade, indivíduo e o lugar onde se vive, pois resgata e sensibiliza sobre o ambiente e sua importância por meio do estímulo aos sentidos.

Com isso, essa pesquisa teve como objetivos: 1) diagnosticar/compreender a percepção dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) sobre o conceito de meio ambiente; e 2) verificar se por meio do contato com a Carta da Terra e trilha da vida há uma sensibilização ambiental, despertando-os de que fazem parte do ambiente e assim, contribuindo para gerar a mudança local e consequentemente global.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada com estudantes do ensino médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEEJA) de Dourados-MS em junho de 2017. A turma era formada por alunos com idades entre 18 a 60 anos, de classe médio-baixa, pais de famílias, jovens adentrando ao mercado de trabalho, donas de casa, entre outros, que em sua maioria trabalhavam durante o dia e estudavam à noite.

Esta pesquisa foi dividida em três etapas, sendo que a primeira e a terceira consistiram na aplicação em sala de aula de um questionário estruturado, contendo três questões dissertativas. A escolha do uso do questionário se deu por ser um instrumento de coleta de dados constituído por perguntas ordenadas, respondidas por escrito, que proporciona liberdade para respondê-las, além de rapidez e precisão, impossibilitando distorções do pesquisador (MARCONI; LAKATOS, 2003).

As perguntas conduziram para respostas sobre as representações de ambiente dos alunos e estas foram classificadas segundo as categorias estabelecidas por Reigota (1995): naturalista, em que meio ambiente é sinônimo de natureza; antropocêntrica, em que o homem é o elemento central utilizando-se da natureza para melhorar sua qualidade de vida; e globalizante, quando existe uma relação entre sociedade humana e natureza.

Na segunda etapa foi realizada uma palestra sobre a Carta da Terra e o percurso pela trilha da vida.

DOI: 10.51189/iii-conbracib/12306

2.1 Palestra

A palestra aconteceu no dia 16 de junho de 2017 durante a aula de biologia na própria sala de aula e teve a duração de 50 minutos, no período noturno contando com a participação de 14 alunos. Ela foi elaborada de forma que explicitasse o conceito de meio ambiente globalizante, o consumo dos recursos naturais, questionamentos acerca para onde vai o lixo e abordagem do conceito dos 3R 's: reduzir, reutilizar e reciclar. A conclusão da palestra se deu com a apresentação dos quatro princípios gerais da Carta da Terra e como os assuntos anteriores estavam relacionados com o documento. Como recursos didáticos foram utilizados *slides* e vídeos.

2.2 Trilha da vida

A trilha da vida foi realizada nos dias 20 e 21 de junho de 2017 com a participação de 13 alunos. Para estimular os sentidos, eles fizeram o percurso com os olhos vendados e descalços, sendo conduzidos por um guia. A trilha da vida foi montada em uma sala do CEEJA e teve um trajeto de oito metros de distância e 1,5 metros de largura, sendo dividida em sete etapas que demonstravam as transformações que o mundo vem sofrendo (adaptado de MATAREZI, 2004).

Após a trilha, os alunos puderam avaliá-la por meio de uma ficha contendo as opções: experiência boa; experiência média; experiência ruim. Também havia um campo para relatarem o que sentiram durante o percurso. As respostas foram analisadas para contribuir com os resultados desta pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes da palestra e trilha da vida foi aplicado um questionário inicial estruturado contendo três questões para 27 alunos da EJA. A primeira pergunta foi sobre o conceito de meio ambiente. ‘O que é meio ambiente para você?’

70,4% (n=19) as respostas foram naturalistas, 18,5% (n=5) visão antropocêntrica e 11,1% (n=3) globalizantes. O fato de 70,4% dos alunos se enquadrarem na perspectiva naturalista, nos mostra que consideraram a questão ambiental somente do ponto de vista ecológico construído por meio do senso comum, praticando-se um reducionismo perigoso na qual as adversidades sociais, corrupção, desemprego, injustiça social, fome, violência, entre outros, não aparecem, evidenciando um cenário em que o meio ambiente é somente o ambiente natural reduzido a natureza.

Dias (2011) fala de uma educação ambiental que deve chegar para todas as pessoas e onde elas estiverem que se conheça a realidade social, econômica, política, cultural e ecológica, resgate e promova novos valores compatíveis com um novo desenvolvimento sustentável, superando as injustiças ambientais, as desigualdades sociais e a apropriação funcionalista da natureza e da própria humanidade. Que promova a transformação social, como propõe Sorrentino *et. al.* (2005).

A segunda questão foi sobre a Carta da Terra. ‘Você já ouviu falar sobre a Carta da Terra?'. Todos os alunos nunca haviam ouvido falar sobre o documento, porém, mesmo não o conhecendo, 33,3% (n=9) escreveram o que achavam que poderia ser:

“O que eu poderia fazer para melhorar a terra.” (A3).

“Um apelo do planeta para a sociedade sobre a preservação.” (A23).

DOI: 10.51189/iii-conbracib/12306

"Não ouvi, mas deve ser um pedido de socorro que a terra está passando, onde o homem está acabando com a natureza." (A24).

A terceira pergunta foi a respeito de quem é a responsabilidade das questões ambientais? 55,5% (n=15) dos alunos não se viram como responsáveis por elas, mas se colocaram de uma forma geral: "de todos nós", "de toda a sociedade ou da humanidade"; 18,5% (n=5) têm a visão de que a responsabilidade é do governo e de todas as pessoas; 11,1%

(n=3) que a responsabilidade é somente do governo; 3,8% (n=1) dos biólogos e 11,1% (n=3) não responderam.

Essas respostas revelam uma deficiência na formação da educação ambiental em nível formal e não formal. Reigota (1995) diz que a compreensão do meio ambiente enquanto configurações sociais, políticas, filosóficas e culturais é distante das pessoas e reconhecer estes elementos é o que faz com que assumamos a responsabilidade das questões ambientais.

Além disso, Dias (2011) afirma que a educação ambiental quando devidamente entendida constitui uma educação permanente que reage às mudanças e produz um efeito rápido preparando o indivíduo para os problemas do mundo contemporâneo. Ao adotar um enfoque global, a educação ambiental reconhece a existência da relação entre o meio e os indivíduos demonstrando que os atos do presente serão refletidos no futuro.

3.1 Questionário final

Responderam o questionário final oito alunos, sendo que dois participaram da palestra e trilha da vida, cinco somente da palestra e um somente da trilha da vida.

Mesmo após a palestra e/ou trilha da vida, a representação naturalista de meio ambiente permaneceu com maior percentual, 87,5% (n=7), e a representação globalizante com 12,5% (n=1). E não houve nenhuma resposta que se enquadrou na representação antropocêntrica.

Capra (1996) afirma que a perspectiva naturalista, por exemplo, na qual os seres humanos ou ambientes urbanizados não estão inseridos, favorece o agravamento dos problemas ambientais, as pequenas atitudes do cotidiano não são enxergadas como impactantes. Essa percepção ocasiona uma compreensão do meio ambiente distante da existência humana, cujo objetivo é a mera apreciação ou conservação dos ecossistemas.

Por mais que os resultados demonstram que a maioria dos alunos se enquadre como naturalistas, houve uma extinção da representação antropocêntrica e aumento da globalizante. Tais dados reforçam que a educação ambiental necessita ter continuidade até que se reflita nas ações cotidianas. Além disso, a formação dos professores também deve tomar caminhos que catalisem uma educação para a cidadania consciente (DIAS, 2011).

Em relação ao questionário inicial houve um aumento significativo de alunos que ouviram sobre a Carta da Terra, 87,5% (n=7) e isto se mostra relevante, Gadotti (2010) afirma que as pessoas ao terem o contato com ela (Carta da Terra), despertam para a cidadania

planetária, uma vez que o documento discute o sentido das coisas partirem das ações diárias, influenciando as pessoas no local onde estão.

Na pergunta de quem é a responsabilidade das questões ambientais? 87,5% (n=7) dos alunos ainda não se colocaram como responsáveis diretos, mas sim de forma geral, de toda a sociedade, de todos nós ou da humanidade. Já 12,5% (n=1) disseram que a responsabilidade é somente do governo.

No Brasil somos amparados pela lei 9.795/99 que aborda sobre a educação ambiental e que deve estar presente em todos os níveis escolares em instituições de ensino

DOI: 10.51189/iii-conbracib/12306

públicas e privadas, devendo ser uma prática integrada, contínua e permanente (BRASIL, 1999). Por isso, é importante que os professores em sua formação inicial e continuada sejam preparados a fim de atender adequadamente ao cumprimento dos princípios e objetivos da Política Nacional de Educação Ambiental.

Quando as pessoas são envolvidas em ações que possibilitam a sensibilização, esse processo passa a ter o potencial de prepará-las para a mudança de postura e ações. Os dados desta pesquisa mostram que a trilha da vida e o contato com a Carta da Terra proporcionaram um aumento do percentual de alunos que se colocaram como responsáveis pelas questões ambientais, mesmo que de forma geral "nós", uma vez que se esperava que se colocassem como responsáveis de forma direta, como: "eu sou responsável pelas questões ambientais", fica evidente que o papel da educação ambiental deve ser um processo contínuo, integrado e permanente para a formação desta consciência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS -

Pelo fato de a pesquisa ter sido realizada com alunos da EJA, que têm uma grande rotatividade na escola, não foi possível aplicar o questionário final para os mesmos alunos que participaram do primeiro questionário e das duas interferências, e isso se reproduziu nos resultados, evidenciando que é necessário um trabalho contínuo, em que a educação ambiental deve ser inserida como parte de ações diárias de modo que as vivências do ambiente escolar se tornem extensão nestas ações.

4 CONCLUSÃO

Os resultados obtidos nesta pesquisa demonstram que a palestra e Trilha da Vida promovem a sensibilização ambiental, pois o número de alunos com representação antropocêntrica se extinguiu e a globalizante aumentou, apesar de a maioria permanecer naturalista, ou seja, definindo meio ambiente como natureza.

Desse modo, surgem outras possibilidades de pesquisa, com a realização do projeto em outras escolas, assim como com a educação infantil, alunos com deficiência e professores, pois no caso destes, muitos ainda saem da graduação com um conhecimento limitado sobre a temática e o professor exerce papel fundamental para as transformações neste sentido.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Responsabilidade Ambiental. Agenda 21. **Carta da Terra**. Brasília: MMA, 2000. Disponível em: http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21/carta-da-terra. Acesso em: 15 out. 2016.

CAPRA, F. **A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** 10. ed. São Paulo: Curtrix, 2006.

DIAS, F. G. **Educação ambiental princípios e práticas**. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2011. 550 p.

GADOTTI, M. **A Carta da Terra na Educação**. 1. ed. São Paulo Instituto Paulo Freire, 2010. 103 p.

DOI: 10.51189/iii-conbracib/12306

IKEDA, D. Educação para a cidadania global. In: **Educação Soka**. 1. ed. São Paulo: Brasil Seikyo, 2010. p. 92-93.

IKEDA, D.; HENDERSON, H. **Cidadania Planetária**. 1. ed. São Paulo: Brasil Seikyo, 2005. 218 p.

KRASILCHIK, M. **Prática de Ensino de Biologia**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2008. 199 p.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 305p.

MATAREZI, J. *et al*. A educação ambiental comunitária no litoral brasileiro e o papel da universidade. In: VIEIRA, P. F. (Org.). Conservação da diversidade biológica e cultural em zonas costeiras: enfoques e experiências na América Latina e no Caribe. Florianópolis: APED, 2003. 528 p. Disponível em: https://www.scielo.br/j/er/a/39RH6Yj6GSk4LbdZBpctgCw/?lang=pt Acesso em 11 de outubro de 2022.

MATAREZI, J. Trilha da vida: (re)descobrindo a natureza com os sentidos. In: ENCONTRO REGIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: das lagoas ao oceano, 7., 2004, Açores. **Anais...** Rio Grande: Revista Ambiente & Educação, 2001. p. 15-16. Disponível em: https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/1091 Acesso em: 11 de outubro de 2022

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 1995. 86 p.

SORRENTINO, M. *et al*. **Educação ambiental como política pública**. São Paulo: Revista Educação e Pesquisa, 2005. p. 285-299. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27977 Acesso em: 11 de outubro de 2022.

BRASIL. Tratado de Educação Ambiental Para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/teassrg.pdf. Acesso em: